

ANÁLISE ESPACIAL PRELIMINAR DOS SÍTIOS LÍTICOS DO ALTO CURSO DA BACIA HIDROGRÁFICA RIO TUBARÃO - MUNICÍPIOS DE GRÃO PARÁ E RIO FORTUNA - SC

Edenir Bagio Perin
edenirbp@hotmail.com

Deisi Scunderlick Eloy de Farias
deisiarqueologia@hotmail.com

Palavras - chave: Caçadores-coletores; artefatos líticos; padrão de assentamento.

Resumo

Este trabalho enfoca as pesquisas arqueológicas e geográficas desenvolvidas no alto curso da bacia hidrográfica do rio Tubarão nos municípios de Grão Pará e Rio Fortuna, sul do Estado de Santa Catarina, região conhecida genericamente na Arqueologia brasileira como encosta catarinense. Para Farias (2005) a área da encosta foi um espaço ocupado efetivamente pelas populações pré-coloniais, porém, são necessárias pesquisas mais aprofundadas uma vez que as intervenções realizadas até o momento não são suficientes para traçar padrões culturais referentes a esses grupos caçadores-coletores. O objetivo desse trabalho foi identificar o padrão de assentamento, a organização espacial dos sítios líticos e as áreas propícias à captação de recursos pelos grupos pré-históricos que habitaram o alto curso da bacia hidrográfica do rio Tubarão. Todas as questões abordadas refletem um nível de conhecimento produzido em uma fase inicial dos trabalhos, visto que as questões que propomos investigar requerem pesquisas aprofundadas em diversos âmbitos que contemplem desde questões espaciais, escavações e a devida análise aprofundada dos vestígios encontrados.

A geomorfologia do litoral sul catarinense, mais precisamente na bacia hidrográfica do rio Tubarão, onde está a área da pesquisa, é determinada por quatro compartimentos bem definidos. Inicialmente, pela planície costeira que configura o ambiente lagunar na foz do rio, apresentando prolongamentos associados ao trabalho fluvial dos rios maiores que estão entre os domínios das Serras do Leste Catarinense, caracterizadas por vales profundos e encostas bastante íngremes, e entremeadas por pequenas planícies fluviais associadas à deposição de cascalheiras dos rios formadores do Tubarão. Geologicamente, os municípios de Grão Pará e Rio Fortuna estão situados na “borda” leste da Bacia do Paraná, com representações da Seqüência Gondwânica, do Paleozóico e Mesozóico. A parte sul dos municípios tem como unidade litoestratigráfica o Granitóide Santa Rosa de Lima. DNPM (1987), CPRM (2000). A região de encosta é caracterizada principalmente pela presença da Floresta Ombrófila Densa, e regiões com Floresta Ombrófila Mista, principalmente próximo à linha de escarpa da Serra Geral, tornando-se assim uma região de ecótono marcada pela presença de áreas com elementos das duas formações (KLEIN, 1978).

Os povos que ocuparam a área pesquisada durante a época pré-colonial foram os caçadores-coletores e posteriormente, os agricultores ceramistas como os Xokleng, identificados através de dados etnohistóricos. Toda a encosta catarinense apresenta vestígios dessas culturas desde o norte, no vale do Rio Itajaí, até o sul, seguindo as escarpas da Serra Geral, e a oeste, no Planalto. Em Santa Catarina, Piazza (1971) através de estudos desenvolvidos pelo PRONAPA nos anos de 1968 e 1969, identificou vários sítios pré-cerâmicos ao longo do Rio Uruguai, definindo-os como Fase Suruvi. Nos anos seguintes, pesquisando a região do planalto de Canoinhas encontrou vestígios em abrigos que também foram associados à Tradição Umbu e definidos como Fase Itaó. Ocorreram vários estudos no sul do Brasil que fazem referência à Tradição Umbu, com destaque para a síntese produzida por Schmitz (1984), que ressalta a ocupação das bordas dos planaltos meridionais há pelo menos sete milênios. Hoeltz (1996) aponta semelhanças na cadeia operatória da Tradição Umbu e da Tradição Humaitá, para a autora os artefatos bifaciais são confeccionados principalmente sobre lascas unipolares, a

diferença estaria apenas no tamanho destas lascas, geralmente maiores na Tradição Humaitá. DeBlasis (1988) aponta para a ocorrência de uma ocupação Umu nas encostas do Vale Ribeira do Iguape com relativa estabilidade, isto por volta de 1.250 AP, relacionando a presença destes sítios em áreas florestadas com a ligação ao planalto que o vale proporciona, podendo ser um dos fatores que possibilitou a entrada dos grupos nas áreas de mata fechada das encostas. “Na verdade, a tradição Umu não é mais que um arrolamento de sítios e fases do planalto meridional brasileiro, tendo em comum semelhanças tecno-tipológicas das indústrias líticas - usando quase sempre as pontas de projétil como ‘fóssil-guia’” (DeBLASIS, 1988).

Sobre os ceramistas Xokleng, a proposta de Farias (2005) para os assentamentos de caçadores-coletores na encosta, lembra que “os dados etnohistóricos aos quais tivemos acesso demonstram que esses grupos viviam num acentuado nomadismo. Mas Não podemos deixar de observar que os dados foram obtidos num momento em que o contato com a sociedade nacional estava no início” Esta situação de alta mobilidade seria então, reflexo de um momento histórico. O ambiente ofereceria durante todo o ano várias fontes de alimento e outros elementos úteis à manutenção dos grupos, desta forma, teriam baixa mobilidade. Há dados etnohistóricos que mostram dois tipos diferentes de habitação: sendo uma maior, “que reuniria um número maior de pessoas e outra menor, possivelmente para pernoites por pequenos grupos que se deslocavam no território para caçar, coletar ou simplesmente visitar parentes”(FARIAS, 2005). Entre os rituais, merece destaque o da perfuração dos lábios, que envolveria muitos indivíduos, necessitando então de um local amplo com cabanas grandes e resistentes. Para a realização destas cerimônias seria necessária a abertura de uma clareira próxima às cabanas, modificando o espaço do assentamento.

A escolha do método aplicado em campo baseou-se em duas questões principais. A primeira, foi o reconhecimento das poucas pesquisas na área, e conseqüentemente o desconhecimento das características de implantação dos sítios na paisagem. A partir disso optamos pela proposta de Redman (1972), que define o trabalho arqueológico em quatro princípios compondo a execução de um programa de amostragem em diferentes estágios de intervenções regionais orientadas pelas zonas ecológicas existentes na região a ser pesquisada. Envolvendo coletas totais de superfície em uma significativa amostra de sítios aliadas a escavações sistemáticas em alguns selecionados a partir de um contato inicial. O primeiro destes estágios sugeridos “é um reconhecimento geral da região inteira, combinado com a investigação paleo-ecológica da área. Isto proporciona dados para a localização de muitos dos sítios na região e possibilita algumas inferências gerais, como o padrão de assentamento pré-histórico” (REDMAN, 1972). Muito embora seja consenso que para identificar com fidelidade o padrão de assentamento é preciso conhecer uma série de outras variáveis como a cronologia regional aliada as características dos materiais arqueológicos identificados, consideramos que a pesquisa iniciada a partir da verificação dos locais de implantação dos sítios possa trazer respostas.

Para identificar a implantação dos sítios em relação à topografia e definir as variações morfoclimáticas, DeBlasis (1988) divide a topografia em cinco compartimentos distintos (FIGURA 4):

1. *Fundo de vale*: áreas sedimentares que ocorrem ao longo dos rios maiores e em alguns pontos de seus afluentes, geralmente abrigadas dos ventos e raramente inundáveis.
2. *Colina baixa*: patamares da baixa vertente, áreas que margeiam o fundo dos vales tendo acesso fácil.
3. *Patamar de média vertente*: locais mais elevados, onde já é possível sentir o efeito do vento (na região desta pesquisa já há boa visibilidade do entorno).
4. *Patamar de alta vertente*: área mais alta, onde se dispõe de boa visibilidade do vale, estas áreas são frequentemente atingidas pelos ventos apresentando variação térmica maior.
5. *Crista dos divisores de água do vale*: local que permite completa visibilidade dos vales que divide, são as áreas mais ventiladas e de clima mais fresco. (DEBLASIS, 1988)

Para trabalhar os dados obtidos com as prospecções procuramos usar um programa de edição gráfica AutoCad Map, com o objetivo futuro de elaborar um SIG baseado em CAD (*Computer Aided Design*).

A análise lítica não teve a intenção de alcançar profundidade nos processos tecnológicos de elaboração e uso dos materiais encontrados, objetivando apenas fornecer subsídios para caracterizar os materiais e auxiliar a compreensão da dinâmica em torno da

captação dos recursos minerais empregados na sua elaboração. Com esta meta, optamos por usar somente as variáveis relacionadas à forma básica dos materiais, seu estado de preservação, a matéria-prima utilizada e sua origem. A amostra foi composta de 2953 peças, todas provenientes de coletas totais de superfície realizadas em 16 sítios. Dentre as formas básicas identificadas com a análise o maior percentual corresponde a lascas (84,4%), os artefatos (6,6%) estão presentes em quase todos os sítios da amostra, seguidos de núcleos (4,4%), a maior parte já esgotados ou abandonados, com tamanho relativamente pequeno. O restante das formas básicas são: detritos, fragmentos de lasca, seixos e percutores (que compõem apenas 4,4% da amostra).

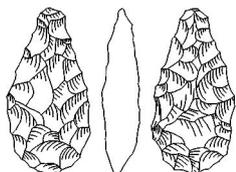


Figura 9: Artefato bifacial em quartzo SCGP01
Fonte: Ilustração do autor

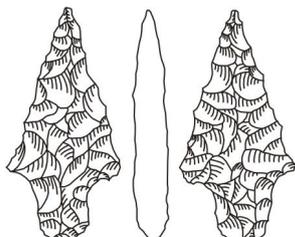


Figura 10: Ponta de projétil em quartzo SCGP02
Fonte: Ilustração do autor

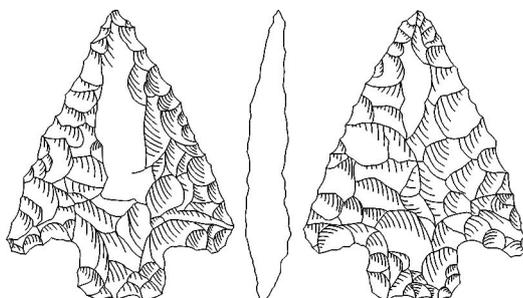


Figura 11: Ponta de projétil em sílex SCGP04
Fonte: Ilustração do autor

A verificação do córtex apontou para o uso tanto de seixos como de blocos, bem como significativa quantidade de materiais e principalmente artefatos, em quartzo. Isso pode ser explicado, em parte, pela grande oferta desta matéria-prima, disponível tanto nos rios quanto em três afloramentos identificados. O sílex aparece como segunda matéria-prima, um afloramento identificado pode ter sido a fonte desta matéria-prima. A proveniência do arenito silicificado está ligada aos rios anteriormente citados, visto que grande parte dos materiais em arenito possuem córtex de seixo.

Em relação ao estrato arqueológico os sítios mapeados apresentam três características principais. Em alguns sítios foram identificados somente materiais lascados sem estruturas de combustão (mancha); outras unidades caracterizam-se somente por uma mancha (camada de sedimento escuro com muito carvão e rochas de arenito muito friável, geralmente alterado). Há também sítios que contêm os dois componentes anteriormente citados, manchas escuras contendo carvão juntamente com material lítico lascado na superfície e no entorno.

Baseando-se na amostragem de 29 sítios para as quatro micro-bacias exploradas pode-se ao menos apontar possíveis padrões para os assentamentos de caçadores-coletores na encosta. A distribuição dos sítios nos diferentes compartimentos topográficos teve semelhanças nas quatro micro-bacias prospectadas. Sinteticamente, as condições de implantação topográfica demonstram que os sítios concentram-se no topo de colinas pouco mais altas em relação às pequenas planícies sedimentares. Em áreas onde já se pode ter boa visibilidade do entorno e do vale abaixo, embora não esteja muito distante do rio principal. Um fator relevante que pode ter influenciado na escolha das áreas exploradas é a topografia regional relativamente acidentada, salvo pequenas planícies descontínuas ao longo dos rios maiores. Essas áreas de planícies combinam uma série de fatores favoráveis à ocupação: oferta de matéria-prima, proximidade com os sítios e são geomorfologicamente acessíveis. Assim pode ter sido palco de grande parte da vida social e econômica dos caçadores coletores que ali viveram. Resumidamente estas áreas teriam efeito custo-benefício menor que as colinas escarpadas, minimizando o dispêndio de energia e maximizando a obtenção de recursos.

A pesquisa ofereceu subsídios para entender a utilização deste espaço pelos grupos que habitaram os 29 sítios arqueológicos mapeados. É senso comum entre os arqueólogos que a encosta catarinense esteve ocupada pelos ceramistas Xokleng, mas os materiais líticos identificados nos sítios são referentes ao que comumente tem sido chamado na arqueologia brasileira de Tradição Umbu. Diante dessa situação surge um problema impossível de ser respondido no atual estágio das pesquisas. Os sítios unicamente líticos podem ser atribuídos sem problema a caçadores-coletores ligados a Tradição Umbu. E onde estariam os sítios dos grupos Xokleng? Seriam as manchas sem material lítico? E como explicar aquelas que contêm material lítico lascado? Seriam reocupações Jê sobre sítios Umbu? Essas estruturas

correspondem a $\frac{1}{3}$ de todos os sítios conhecidos na área, um índice relativamente alto para pensar somente em reocupações. Farias (2005) propõe que o possível contato dos Xokleng com os caçadores-coletores ligados a Tradição Umbu, teria mudado o modo de vida do grupo que acabara por incorporar partes da vida caçadora-coletores, que poderia envolver a produção de artefatos líticos.